

Intuição de coisas e intuição de conceitos em Edmund Husserl

Sérgio Alexandre Fernandes

A maioria da filosofia do séc. XX caracterizou-se por uma desconfiança da dita “filosofia da representação”, ou seja, pelo descrédito da intuição cousal e a conseqüente fé na intuição conceptual como algo separado e depurado da pretensa subjectividade e erro da percepção. Esta tendência, da qual se sentem ainda fortes efeitos, tem uma inspiração platónica via, principalmente, Leibniz e Bolzano, a qual é conhecida (em particular, nas filosofias da lógica e da matemática) como «platonismo».

Não abandonando a sensatez da atitude aristotélica (i.e., não-céptica acerca da percepção; ou seja, o primado da intuição cousal), Edmund Husserl tem o mérito de incorporar, na sua teoria da ciência, os avanços e escrúpulos de natureza platónica dos finais do séc. XIX e do séc. XX. O que, à primeira vista, pode parecer um empirismo extremo – a intenção husserliana de explicar todo o conhecimento a partir dos elementos dados na percepção – revela-se uma síntese entre o empirismo e o racionalismo. Husserl não é um realista dos universais – i.e., não defende a intuição intelectual *directa* das idealidades –, mas também não nega a consistência epistémica das idealidades científicas. Husserl defende uma intuição intelectual *indirecta* dos conceitos: eles são “*construídos*” de modo *necessário*, tendo como base os dados sensíveis – nada há de contingência e arbitrariedade psicológicas ou humanas. Por isso, os conceitos são, num certo sentido, *captados*, pois essas *constituições* são actualizações de *potencialidades* eternas. Os conceitos só existem em acto, quando são “instanciados” (ou melhor, *constituídos*) num acto mental dum sujeito. Não temos que pactuar com a “teologia” de visões intelectuais directas de *actualidades* (i.e., conceitos enquanto *entes* imateriais), como no chamado “realismo” conceptual, para que tenhamos garantida a objectividade da ciência.

Husserl não reduz o conhecimento objectivo à intuição cousal, como o nominalismo; mas também não abandona o primado da intuição das coisas, em troca duma pretensa intuição conceptual *directa*. A intuição das coisas é fundamental para a ulterior *constituição* das idealidades; por conseguinte, há intuição conceptual mas *indirecta*. Husserl supera a tradicional *teoria da abstracção* do empirismo por uma *teoria da ideação*: a primeira é a ideia de que a captação dos universais dá-se na *percepção*; a segunda é a verificação de que a captação das idealidades ocorre na *imaginação*: pela variação das propriedades das coisas, chega-se ao que permanece invariável, após tais actos imaginativos, sendo o universal o invariante dentro da variação. É por este processo activo do sujeito do conhecimento que se obtêm as estruturas das coisas ou dos estados-de-coisas.

Assim sendo, em Husserl, há um *realismo metafísico* (i.e., o empirismo do primado da intuição cousal) juntamente com o *apriorismo* do tradicional “realismo” dos conceitos, porém, liberto das conseqüências idealistas metafísicas deste último, pois Husserl não reifica as idealidades, mostrando que o seu carácter necessário não é o de entes imateriais, mas sim o de potências eternas possíveis de serem actualizadas (i.e., captadas – *constituídas*, no jargão de Husserl) por qualquer sujeito cognitivo – i.e., qualquer ser suficientemente inteligente.